

Projeto: Entre a Casa, as Ruas e as Instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da Produção Acadêmica sobre Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (2000-2019)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência bibliográfica – BARROS, Raquel de Camargo; FIAMENGHI JR., Geraldo A. Interações afetivas de crianças abrigadas: um estudo etnográfico. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 12, n. 5, p. 1267-1276, Oct. 2007.

2) Resumo e Palavras-chave – Este estudo teve como objetivo observar as interações entre as crianças residentes em abrigo e suas cuidadoras. Foram participantes desta pesquisa vinte crianças de 10 meses a cinco anos e nove meses de idade, de ambos os sexos, de um abrigo para crianças e adolescentes. A metodologia utilizada foi de cunho etnográfico. Estas crianças foram observadas duas vezes por semana, em encontros de uma hora e meia, durante três meses e meio. Os resultados apontaram falta de preparo das monitoras para cuidar das crianças, evidenciado em situações de hostilidade verbal e poucas ocorrências de carinho, palavras incentivadoras e contato físico. Ao mesmo tempo, notou-se que as crianças buscavam incessantemente a atenção, o colo e o carinho de outros adultos frequentadores do abrigo. Depreende-se disto a necessidade de prevenir e alterar relações insatisfatórias entre cuidadores e crianças, promovendo um ambiente saudável para seu desenvolvimento.

Palavras-chave: criança, cuidadoras, abrigo.

3) Objetivo do estudo – Observar as interações entre as crianças residentes em abrigo e suas cuidadoras.

4) Tipo de pesquisa – Pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

5) Período da pesquisa – A única informação temporal no artigo é que a pesquisa durou três meses e meio, totalizando aproximadamente 850 horas de observação.

6) Forma de coleta de dados – Segundo as pesquisadoras, a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico foi escolhida pois é a mais adequada para abarcar a complexidade do fenômeno a ser estudado, já que permite uma observação mais ampla da situação, além da participação mais direta do observador no processo.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico utilizado – Categorias foram estabelecidas após as releituras dos diários de campo, sempre tendo em vista os objetivos do estudo. As informações coletadas nos diários de campo diziam respeito às impressões e sentimentos dos pesquisadores diante das situações vivenciadas no dia-a-dia das observações, sendo que tais impressões acabaram por integrar-se às análises.

Após os temas principais terem emergido, as pesquisadoras agrupavam os eventos em duas grandes categorias que pareciam adequadas para a análise: a) pensando o desenvolvimento das crianças abrigadas e suas relações com companheiros e b) discutindo as interações afetivas entre crianças e adultos no abrigo. Essas duas categorias refletem os objetivos propostos para esta pesquisa, isto é, observar as interações entre as crianças e as interações entre crianças e adultos no abrigo.

8) Resultados / dados produzidos –Em relação aos bebês (em torno de um ano), notamos que recebiam pouca estimulação por parte das monitoras. Aqueles que ainda não andavam ou engatinhavam ficavam praticamente todo o tempo sentados em seus carrinhos ou em cercadinhos, acompanhados ou não de brinquedos.

Além disso, todos já estavam propícios a darem seus primeiros passos com o auxílio de alguém ou até mesmo, sem ajuda, porém, desde que pudessem estar no chão. Poucas vezes os bebês foram observados em situações favorecedoras à aprendizagem do andar. Isto ocorria mais quando um voluntário propunha-se a dar as mãos à criança ou a deixá-la esboçar seus desajeitados passinhos sozinha, estando à sua retaguarda, caso necessitasse de amparo. Por conseguinte, as crianças abrigadas desde tenra idade começavam a andar sozinhas em torno de um ano e meio a dois, aproximadamente. Considerando a linguagem, era comum encontrar crianças maiores de dois anos ainda emitindo apenas sons sem formar palavras. No que diz respeito aos bebês mais velhos (em torno de um ano e meio), parecia já ser facultado o acesso ao chão, aos brinquedos e às crianças mais velhas. Estes podiam circular livremente pela sala de brinquedos e possuíam seu lugar junto aos outros na mesa do refeitório. Um engatinhava, outro percorria o trajeto de bumbum, outro precisava da ajuda para andar e alguns já tinham desenvolvido a habilidade de caminhar sozinhos. Os que ganhavam o chão, andavam livremente, pegavam os brinquedos que queriam, interagiam com outras crianças, brincando ou brigando e começavam a desafiar seus próprios limites. A impressão era de que, a partir deste momento, as crianças iniciavam um grande aprendizado – o de que deveriam contar apenas consigo próprias, tentando transpor as barreiras desenvolvimentais estabelecidas até o momento, ou seja, a partir da possibilidade de locomoção, abririam outras oportunidades para si. A relação entre monitora e criança parecia estar envolta em uma atmosfera de repreensão e autoritarismo, por um lado e medo e abandono, por outro, pois ao mesmo tempo em que as manifestações de carinho eram quase inexistentes, as atitudes hostis e ameaçadoras existiam constantemente no dia-a-dia das crianças. Entretanto, apesar destes serem comportamentos comuns entre as cuidadoras, havia momentos de manifestação de afeto, bem como aquelas que eram mais carinhosas com as crianças, oferecendo-lhes oportunidades de atenção e trocas afetivas. Contudo, os elogios e gestos de ternura eram raros, enquanto palavras destrutivas e ameaças ocorriam em grande parte do tempo. Por conseguinte, era comum as cuidadoras coibirem os comportamentos que não desejavam nas crianças utilizando-se de falas de caráter humilhante e degradador

9) Recomendações – Recomenda-se a continuidade dos estudos acerca do desenvolvimento infantil de crianças e adolescentes abrigados, suas relações com as famílias de origem e também investigações sobre a percepção das cuidadoras sobre o papel que exercem nas instituições de abrigamento.

Enquanto isso, torna-se importante a melhoria do trabalho desenvolvido pelas monitoras do abrigo, bem como um apoio maior por parte da coordenação e direção do abrigo no sentido de privilegiar sua capacitação, tendo como objetivo fundamental a preparação para o desempenho da função, a fim de promover um saudável desenvolvimento para as crianças abrigadas.

10) Observações e destaques – Por se tratar de um estudo etnográfico, há vários diálogos interessantes e muito pertinentes no artigo.

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.